



O ROMANCE HISTÓRICO CONTEMPORÂNEO DE MEDIAÇÃO

RESSIGNIFICAÇÃO DE UM EPISÓDIO DA GUERRA ENTRE A TRÍPLICE ALIANÇA E O PARAGUAI EM *ÁGUAS ATÁVICAS* (2013), DE MARCOS FAUSTINO

Adenilson de Barros de Albuquerque

(PPGL/UNIOESTE – Doutorado)

Gilmei Francisco Fleck

(UNIOESTE/Cascavel-PR)

INFORMAÇÕES SOBRE OS AUTORES

Adenilson de Barros Albuquerque é Professor de Língua Portuguesa e Espanhola no Instituto Federal do Paraná/campus Umuarama. Doutorando pelo Programa de Pós-graduação em Letras da Unioeste/Cascavel-PR. Bolsista CAPES “Doutorado Sanduíche”, recepcionado pela Dra. María Rosa Lojo (Universidad del Salvador/Buenos Aires-AR). Integrante do grupo de pesquisa “Ressignificações do passado na América Latina: leitura, escrita e tradução de gêneros híbridos de história e ficção – vias para a descolonização”, coordenado pelo Prof. Dr. Gilmei Francisco Fleck. Colaborador dos projetos de extensão “Estudos das teorias contemporâneas de análise literária – segunda fase” e “Literatura, História, Memória e Sociedade: estudos das inter-relações e suas dinâmicas – segunda fase”, vinculado ao PELCA – Programa de Ensino de Literatura e Cultura/PROEX-Unioeste-Cascavel. E-mail: adenilsonbar@gmail.com

Gilmei Francisco Fleck é Professor Associado da UNIOESTE/Cascavel-PR/Brasil na Graduação em Letras, nas áreas de Literatura e Cultura Hispânicas, na Pós-graduação em Letras (Mestrado Acadêmico e Doutorado) nas áreas de Literatura Comparada e Tradução e no Mestrado Profissional – Profletras – Cascavel/PR na área da Literatura Infanto-juvenil. Pós-doutor em Literatura Comparada e Tradução pela UVigo/Espanha, com bolsa da CAPES. Doutor e Mestre em Letras pela UNESP/Assis. Coordenador do PELCA: Programa de Ensino de Literatura e Cultura. Líder do Grupo de Pesquisa “Ressignificações do passado na América Latina: leitura, escrita e tradução de gêneros híbridos de história e ficção – vias para a descolonização”. E-mail: chicofleck@yahoo.com.br

RESUMO

A partir das bases teóricas que levaram ao conceito de romance histórico contemporâneo de mediação (FLECK, 2017) e dos elementos historiográficos relacionados à guerra entre a Tríplice Aliança e o Paraguai (1864-1870), especialmente o evento histórico conhecido por Retirada da Laguna, propomos neste artigo a leitura do romance *Águas atávicas* (2013), de Marcos Faustino. Nessa obra, linguagem, estrutura e o diálogo com o livro de Visconde de Taunay (1871) – cujo título é homônimo ao evento específico narrado – são instâncias que se misturam, de maneira que não devemos confundir-la com os romances históricos clássicos (LUKÁCS, 1955; MÁRQUEZ RODRÍGUES, 1991), os romances históricos tradicionais (FERNÁNDEZ PRIETO, 2003; FLECK, 2017), os novos romances históricos (AÍNSA, 1991; MENTON, 1993) ou a metaficção historiográfica

ABSTRACT

Starting from the theories concerning the concept of contemporary historical novel of mediation (Fleck, 2017) and the historiographical elements related to the War of the Triple Alliance against Paraguay (1864-1870), especial the episode known as The withdrawal of Laguna, we propose in this article a reading of the novel *Águas Atávicas* (2013) by Marcos Faustino. In this novel the language used, the applied structure and the dialog it establishes with the piece of work by Visconde de Taunay (1871) – called as the event is known: *The withdrawal of Laguna* – are mixed and should not be confused with the classical historical novels (LUKÁCS, 1955; MÁRQUEZ RODRÍGUES, 1991), traditional modality of historical novels (FERNÁNDEZ PRIETO, 2003; FLECK, 2017), the new Latin American historical novel AÍNSA, 1991; MENTON, 1993) and

<p>(HUTCHEON, 1991; GIL GONZÁLEZ, 2005; FLECK, 2017). Oferecer ferramentas para a leitura de obras híbridas entre história e ficção é, portanto, um meio de nos aproximar mais criticamente dos pressupostos elementares de nossa condição latino-americana, híbrida e dependente das histórias oficializadas nos bancos escolares. Conhecê-la é um passar também pela via da literatura, largamente relacionada com o passado do continente, seus conflitos internos e vínculos colonialistas.</p>	<p>neither with the historiographic metafiction (HUTCHEON, 1991; GIL GONZÁLEZ, 2005; FLECK, 2017). Providing efficient tools for reading hybrid novel of History and Fiction is so far a critical way to make us more aware of those most elementary hybrid conditions of being Latin Americans, and dependent from the official history taught in school rooms. Knowing those conditions suppose also an incursion into Literature, an art which is largely related to the past of our continent, its internal conflicts and the colonialist ways of domain.</p>
---	---

PALAVRAS-CHAVE	KEY-WORDS
<p>Romance histórico; Guerra entre a Tríplice Aliança e o Paraguai; <i>A Retirada da Laguna</i>; Literatura comparada; América Latina.</p>	<p>Historical novel; War of the Triple Alliance against Paraguay (Paraguay War); <i>The withdrawal of Laguna</i>, Compared Literature; Latin America.</p>

INTRODUÇÃO

Os eventos passados registrados pela historiografia estão entre as vias mais significativas para se chegar a interpretações coerentes do presente e vislumbrar expectativas para o futuro. As arbitrariedades, porém, inclusive pertencentes à escrita da história (WHITE, 2001, p. 136), muitas vezes não abarcam problematizações suficientes para leituras menos amarradas a versões reduzidas a determinadas perspectivas. Seria, assim, também atribuição da arte literária cumprir um papel fundamental de alargamentos de horizontes (VARGAS LLOSA, 2007, p. 2-17). Ao não estar, aparentemente, comprometida com a busca de “verdades”, a ficção extrapola, por exemplo, o que estaria engessado em convenções historiográficas.

Dentre essas formas de artes, está o romance histórico contemporâneo de mediação (FLECK, 2007; 2017), modalidade literária especialmente difundida a partir das duas últimas décadas do século XX. Essa vertente de escrita híbrida entre a história e ficção apresenta traços herdados de outras modalidades de romances históricos, cujas especificidades elencamos na seção seguinte.

Para exemplificar sua abordagem em termos literários, trazemos a leitura do romance *Águas atávicas* (2013), de Marcos Faustino, uma obra que ressignifica um episódio conhecido como “Retirada da Laguna”, ocorrido na guerra entre a Tríplice Aliança e o Paraguai (1864-1870).

História e literatura, assim, ao confundirem-se nos relatos já consolidados e difundidos nos contextos sociais – formal e informal – proporcionam alternativas de imaginação, compreensão e questionamento do que poderia estar adormecido em bases inalteradas. Os romances históricos, portanto, em distintas modalidades estabelecidas pela crítica literária, cumprem esse papel.

1 AS BASES DO ROMANCE HISTÓRICO CONTEMPORÂNEO DE MEDIAÇÃO

Entre as maneiras de se conhecer o passado estão o contato com a historiografia e a leitura de romances históricos. O compromisso com os fatos e as fontes, presente na primeira, flexibiliza-se livremente nas escritas ficcionais que, desde o século XIX com Walter Scott, vêm sendo consolidadas em pelo menos cinco modalidades do gênero romanescos¹ (FLECK, 2007; 2017). A partir de então, irmanadas pelo elo da linguagem, e

¹ As mais recentes teorias sobre as distintas fases e modalidades do romance histórico (FLECK, 2017) estabelecem três fases nesta trajetória: a fase acrítica – composta pelas modalidades clássica scottiana e a tradicional; a fase crítica/desconstrucionista – que reúne as modalidades do novo romance histórico latino-americano e da metaficção historiográfica; e a fase mediadora – cujo conjunto se constrói com os romances mais recentes nos quais há uma mediação entre a fase acrítica e a crítica/desconstrucionista, constituindo-se na modalidade do romance histórico

às vezes distanciadas em pugnas de ordem estrutural ou metodológica, história e literatura dividem o protagonismo no cenário amplo e inesgotável das interpretações sobre o que se passou e que hoje se encontra impossibilitado para as nossas vivências imediatas.

Na América Latina, especialmente, as distintas modalidades de romance histórico participam como mediadoras entre as formas de interpretação sobre o passado e as possibilidades de se conhecer as expressões profundas das formações sociais e discursivas, criadas a partir de encontros, acréscimos e perdas entre culturas (USLAR PIETRI, 1990, p. 345-357). Sejam os romances históricos clássicos e os tradicionais: aqueles mais comprometidos com o discurso da historiografia oficial; os novos romances históricos latino-americanos e as metaficções historiográficas: modalidades desconstrucionistas em relação à história e experimentalistas quanto à estrutura e/ou à linguagem; ou os romances históricos contemporâneos de mediação: cuja vertente escritural abrange moderadamente as modalidades anteriores. A partir dessas formas de releituras da história pela ficção, o contexto latino-americano encontra alternativas de conhecimento e de expressão, para além do cientificismo dos estudos historiográficos, pois, conforme ensina Leopoldo Zea (1999, p. 9):

Nosotros los latinoamericanos tenemos un origen común y una identidad racial y cultural igualmente común que implica la asunción de todas las expresiones de lo humano. Es esta diversidad de razas y culturas integradas la que nos identifica, la que está poniendo en crisis el mundo occidental.

Ao ressignificar o passado, a escrita ficcional, em diálogo com informações estabelecidas à guisa de objetividades relacionadas a momentos relevantes de personagens ou sociedades, contribui para que velhos e novos argumentos apareçam como instigadores de conhecimentos e interpretações múltiplas. Na leitura do romance *Águas atávicas*, por exemplo, podemos observar episódios da história, em diferentes níveis de registro e abrangência, como alternativas que nos possibilitam uma compreensão do presente e, de alguma maneira, vislumbrar projeções para o futuro.

Segundo os estudos de Fleck (2017) já salientados, os romances históricos são um gênero narrativo distinguível em pelo menos cinco modalidades: o romance histórico clássico scottiano; o romance histórico tradicional; o novo romance histórico latino-americano; a metaficção historiográfica; e o romance histórico contemporâneo de

contemporâneo de mediação. Na fase acrítica, história e literatura se unem à celebração de heróis e feitos do passado, com construções discursivas que buscam ensinar a versão tradicional da historiografia para o leitor contemporâneo. Nas fases crítica/desconstrucionista e mediadora há uma ruptura entre o discurso hegemônico da história tradicional com o artístico ficcional pelas ressignificações dos eventos do passado e das personagens neles envolvidos que estas modalidades críticas romanescas instauram.

mediação.

Na modalidade inaugurada pelos romances históricos do escocês Walter Scott, as informações históricas são representadas em conformidade com as disponíveis nas historiografias oficiais nacionalistas, essencialmente como pano de fundo ao desenvolvimento narrativo protagonizado por personagens puramente fictícias. Essa estrutura romanesca foi estudada por Georg Lukács em *The Historical Novel*, obra escrita em 1936-37 e publicada, pela primeira vez, em 1955.

Para Alexis Márquez Rodríguez (1991, p. 21-2), as principais características dessa modalidade, do romance histórico clássico², são as seguintes:

1. Espécie de grande telão de fundo, rigorosamente histórico, baseado em episódios ocorridos em um passado mais ou menos distante do presente do romancista. É notada a presença de figuras históricas proeminentes que não escondem a identidade e atuam em episódios atribuídos às suas vidas, sem desviarem-se de seu tempo e suas características psicológicas;

2. Sobre o telão de fundo, o romancista situa a história fictícia, com episódios e personagens sem existência comprovada no passado, mas que poderiam ter existido, pois, além de se encaixarem no contexto histórico de fundo, não resultam estranhos aos valores, aos elementos morais e ideológicos formadores da atmosfera histórica que envolve os fatos narrados;

3. Via de regra, os romances scottianos, e todos os similares a eles, apresentam um episódio amoroso – não necessariamente dentro da história fictícia – quase sempre desventurado;

4. O primeiro plano da narração é constituído pela história fictícia, na qual se centra a atenção do romancista e do leitor. Isso não quer dizer, entretanto, que o contexto histórico seja de importância secundária, pois nele estão os elementos primordiais da atmosfera moral do relato.

Já os romances históricos tradicionais³, segundo Celia Fernández Prieto (2003, p. 150), continuam o trajeto iniciado por Scott e seguem respeitando os dados das versões históricas basilares, a verossimilhança e a configuração da diegese, além da intenção de ensinar história ao leitor. Essa modalidade de romance histórico é posterior e, em alguma medida, paralela ao romance histórico clássico.

Estas obras, contudo, formam uma nova modalidade distinguível em pelo menos seis características, segundo Fleck (2017, p. 50-1):

² Entre as obras que compõem essa modalidade, sugerimos a leitura dos romances de Walter Scott *Waverley* (1814 – Ed. Claire Lamont. Oxford: Clarendon Press, 1981.) e *Ivanohé* (1819 – London: Pinguin Books, 1994). Na América, o único exemplar desta modalidade é o romance de James F. Cooper *Mercedes of Castile: or the Voyage to Cathay* (1840 – New York; London: The Cooperative Publication Society, 1840).

³ Como exemplo contemporâneo dessa modalidade, podemos ler o romance de Paulo Novaes, *A caravela dos insensatos* (Rio de Janeiro: Ediouro, 2006).

1. Desaparece a estrutura do pano-de-fundo histórico para que o evento visitado e a narrativa ficcional constituam eixo único no romance;
2. A ideologia que perpassa a escrita ficcional comunga com a exaltação mítica dos heróis do passado e a celebração de seus feitos;
3. As ações narradas no romance seguem a linearidade cronológica dos eventos históricos;
4. A visão onisciente do modelo clássico pode ser substituída pela individualização na narrativa em primeira pessoa;
5. Prevalece a intenção de ensinar ao leitor a versão histórica hegemônica do passado;
6. As personagens protagonistas passam a representar, na maioria dos casos, aquelas consagradas pela historiografia.

A partir da segunda metade do século XX, conforme apontam os estudos de Fernando Aínsa (1991) e Seymour Menton (1993), surge e é largamente produzido na América Latina o que se passou a denominar novo romance histórico latino-americano⁴, uma terceira modalidade literária do gênero.

Para Aínsa (1991, p. 83-5), há dez especificidades possíveis de se encontrar no novo romance histórico latino-americano:

1. A releitura da história pela ficção, objetivando dar um sentido e uma coerência à atualidade desde uma visão crítica do passado;
2. Impugnação ao discurso legitimador instaurado pelas versões oficiais da história;
3. Multiplicidade de perspectivas a qual impossibilita o acesso a uma só verdade histórica;
4. Abolição do distanciamento épico;
5. Ironia e paródia, às vezes irreverência, ao reescrever histórias conhecidas, sempre com pitadas hiperbólicas e grotescas, joga com a criação linguística do anacronismo e do pastiche, dinamitando crenças e valores estabelecidos;
6. Superposição de tempos históricos diferentes;
7. Uso de documentação como respaldo à historicidade textual; 8. Variedade de modalidades expressivas;
9. Releitura distanciada, pesadelesca ou anacrônica da história, refletida numa escrita paródica;
10. Manejo da linguagem como ferramenta fundamental.

⁴ Entre as obras que compõem essa modalidade, sugerimos a leitura do romance *El arpa y la sombra* (1979 – México: Siglo Veintiuno, 1994), de Alejo Carpentier e *Terra Papagalli* (São Paulo: Companhia das Letras, 1997), dos brasileiros José Roberto Torero e Marcus Aurelius Pimenta.

Segundo Menton (1993, p. 42-4), em complemento ao exposto acima, haveria seis características diferenciadoras do novo romance histórico latino-americano em comparação ao romance histórico tradicional. São elas:

1. Subordinação, em distintos níveis, de certo período histórico à apresentação de algumas noções filosóficas, difundidas por Borges e aplicáveis ao passado, ao presente e ao futuro, especialmente a ideia da impossibilidade de se conhecer a verdade histórica ou a realidade. Assim, o caráter cíclico e, paradoxalmente, imprevisível da história permite a ocorrência dos acontecimentos mais inesperados e assombrosos;

2. Distorção consciente da história mediante omissões, exagerações e anacronismos;

3. Ficcionalização de personagens históricos;

4. Metaficção ou comentários do narrador sobre o processo de criação;

5. Intertextualidade;

6. Dialogia, carnavalização, paródia, heteroglossia e o pluriperspectivismo sobre os acontecimentos, personagens e visões de mundo, conforme as orientações do teórico russo Mikhail Bakhtin.

Tanto para Aínsa quanto para Menton, não há necessidade de que as características elencadas apareçam obrigatoriamente, em sua totalidade, em cada exemplar de novo romance histórico latino-americano. As obras representativas dessa modalidade, é possível deduzir, não seguem fielmente as informações divulgadas pela escrita científica da história.

Por sua vez, o caráter igualmente discursivo dos textos historiográficos tem a autenticidade escritural questionada em uma quarta forma de expressão romanesca: a metaficção historiográfica. Para Linda Hutcheon (1991, p. 145), a metaficção historiográfica procura desmarginalizar o literário por meio do confronto com o histórico, e o faz tanto em termos temáticos como formais. A autora canadense, todavia, não objetivou apresentar elementos conceituais nem a sistematização das características da metaficção historiográfica em romances históricos, apesar de sua obra *Poética do pós-modernismo* (1991) aparecer como principal referência, muitas vezes única, em estudos de crítica literária.

São os estudos de Fleck (2017, p. 92-5) que analisam a abrangência da metaficção historiográfica e sua repercussão na literatura latino-americana em pelo menos três níveis:

1. Os novos romances históricos metaficcionais⁵: um tipo de novo romance histórico em que aparece o trabalho expressivo da metaficção, promotora de maior grau

⁵ Cf. *Los perros del paraíso* (Barcelona: Argos Vergara, 1983), de Abel Posse, no contexto hispano-americano; e *Galantes memórias e admiráveis aventuras do virtuoso conselheiro Gomes, O Chalaça* (São Paulo: Companhia das Letras, 1994), de José Roberto Torero, na escrita brasileira.

de criticidade e desconstrucionismo, sem que ela constitua elemento fundamental da obra;

2. As metaficções historiográficas⁶: obras em que a metaficcionalidade discursiva ou a narrativa aparecem como a estratégia mais recorrente e relevante, mas sem apagar a importância e o uso de outras características de escrita. Salientemos que, para Gil González (2005, p. 9-28), na metaficcionalidade discursiva há um pacto de leitura entre o leitor e o discurso do narrador que comporta alguns traços autobiográficos do autor real; na metaficcionalidade narrativa, o leitor se depara com uma metaficcionalidade cuja ‘ilusão’ da produção discursiva fica circunscrita à interioridade do romance, pois a voz enunciativa, relacionada também à figura autoral, estará inserida no universo do romance como personagem;

3. As metaficções historiográficas plenas⁷: obras cuja enunciação depende totalmente da constante autoconsciência de que o processo de criação da linguagem resulta de construtos humanos.

As modalidades de romance histórico apontadas até aqui, portanto, fazem parte de duas fases iniciais:

Primeira fase – Acrítica: aquela em que predominam o romance clássico scottiano e o romance histórico tradicional, vigentes, o primeiro, até meados do século XX, e o segundo até os dias atuais;

Segunda fase – Crítica e desconstrucionista: aquela em que predominam o novo romance histórico latino-americano⁸ e a metaficção historiográfica, inaugurada a partir da segunda metade do século XX e ainda característica em obras recentes.

Ao indicar um conjunto contemporâneo e preponderante de obras que não seguem totalmente aquilo que poderia ser entendido como uma crítica “radical” em relação à escrita histórica tradicional e, também, não totalmente dependente das informações históricas ditas oficiais, o pesquisador brasileiro identifica e apresenta as

⁶ Cf. *Vigilia del Almirante* (Asunción: RP Ediciones, 1992), de Augusto Roa Bastos, no contexto hispano-americano e *Rosa Maria Egipcíaca da Vera Cruz* ((Rio de Janeiro: Record: Rosa dos Tempos, 1997), de Heloísa Maranhão, na literatura brasileira.

⁷ Cf. *Una Lanza por Lope de Aguirre* (Buenos Aires: Editorial Librería Platero, 1984), de Jorge Ernesto Funes, no contexto hispano-americano e *Meu querido canibal* (Rio de Janeiro: Record, 2000), de Antonio Torres, na produção brasileira.

⁸ A trajetória do romance histórico, nos seus primeiros 135 anos, constitui-se, majoritariamente, de romances clássicos scottianos e tradicionais, ou seja, escritas ficcionais acríticas em relação ao discurso tradicional da historiografia, preocupado em exaltar heróis e fatos do passado. Quando surge, em 1949, com vigor e expressividade o romance *El reino de este mundo* (Santiago: Orbe, 1972.), do cubano Alejo Carpentier, no contexto latino-americano, opera-se a ruptura dessa hegemonia e vemos o surgimento de releituras críticas da história pela ficção capazes de se sobrepor ao tradicionalismo das modalidades acríticas anteriores. Denominar essa modalidade crítica e desconstrucionista – que influenciou, desde então, a produção mundial – de “Novo romance histórico latino-americano” garante ao discurso descolonialista da América Latina, fortemente presente nestas produções, o lócus enunciativo de sua origem. Embora se busque omitir essa nomenclatura em muitos estudos realizados fora do nosso contexto, é nele que nasceu essa modalidade e dela temos que nos valer para ressignificar o nosso passado registrado unicamente pela visão colonizadora.

bases de uma quinta modalidade: o romance histórico contemporâneo de mediação. Em seu conjunto, ela forma uma terceira fase, mediadora entre as vertentes anteriores, que passou a ser bastante fortalecida a partir do final da década de 1970 até a atualidade.

Para Fleck (2017, p. 109-111), são seis as principais características do romance histórico contemporâneo de mediação:

1. Construção da verossimilhança, em grande medida abandonada pelas narrativas do novo romance histórico latino-americano e da metaficção historiográfica, para conferir um tom de autenticidade aos eventos históricos narrados no romance;
2. A linearidade cronológica dos eventos recriados, fixando-se neles, sem deixar de manipular o tempo da narrativa;
3. As visões periféricas em relação aos grandes eventos e personagens históricos, como o fazem muitos novos romances históricos e metaficções historiográficas;
4. Linguagem amena e fluída em oposição ao barroquismo e ao experimentalismo linguístico dos novos romances históricos;
5. Utilização de recursos como a paródia e a intertextualidade;
6. Presença de elementos metanarrativos, ou comentários do narrador sobre o processo de produção da obra, sem que estes se constituam no sentido global do texto.

No romance histórico contemporâneo de mediação, portanto, percebemos um intento de conciliação entre as modalidades anteriores.

Construir um discurso anticolonialista, que revelasse outras possíveis perspectivas do passado latino-americano, em oposição às “verdades” registradas pelos cronistas, conquistadores, colonizadores do nosso território, tornou-se vital para que seguissemos nas veredas da descolonização ainda necessária. A literatura latino-americana não se omitiu frente a esta necessidade e fez surgir um romance que ressignifica tanto as personagens como os eventos deste passado. Autores como Fernando Aínsa, Seymour Menton, Alexis Márquez Rodríguez, entre outros e, mais recentemente, os brasileiros Marilene Weinhardt⁹, Antonio Roberto Esteves¹⁰ e Gilmei Francisco Fleck, entre outros, ao privilegiarem em seus estudos as vertentes críticas do romance histórico, dão destaque à produção latino-americana que começa a dar voz aos silenciados, aos excluídos e aos marginalizados pela escrita hegemônica e tradicional que perpetrou suas versões sobre o nosso passado.

A contribuição dos pesquisadores brasileiros vai, pois, desde a criação de conceitos até às análises críticas de obras expressivas que descontroem a univocidade do discurso historiográfico tradicional, projetando para diferentes contextos as produções ficcionais híbridas latino-americanas entre as mais críticas da atualidade.

⁹ Cf. WEINHARDT, M. (org.). *Ficção histórica: teoria e crítica*. Ponta Grossa: Editora UEPG, 2011.

¹⁰ Cf. ESTEVES, A. R. *O romance histórico brasileiro contemporâneo (1975-2000)*. São Paulo: Ed. UNESP, 2010.

2 ALGUNS EVENTOS DA GUERRA ENTRE A TRÍPLICE ALIANÇA E O PARAGUAI (1864-1870)

Em dezembro de 1864, enquanto no Uruguai acontece o ataque a Paysandu pelas forças armadas brasileiras ao lado das *coloradas* sob o comando de Venâncio Flores, os paraguaios capturam o vapor brasileiro Marquês de Olinda, que subia o rio Paraguai em direção ao Mato Grosso. Este é considerado o primeiro ato de guerra contra o Brasil. Na sequência, uma expedição enviada ao Mato Grosso toma o Forte Coimbra e avança em direção a Miranda, Corumbá, Coxim e Dourados, no território brasileiro. Para chegar a terras mais ao sul, no objetivo de juntar-se aos *blancos* uruguaios, o exército paraguaio também declara guerra à Argentina, após ter sido negado, pelo presidente Mitre, o pedido de passagem das tropas. Diante deste cenário, Brasil, Argentina e Uruguai – este representado pelo então governo *colorado* –, assinam em segredo o Tratado da Tríplice Aliança, no primeiro dia de maio de 1865.¹¹

Dessa longa guerra que durou até a morte de Solano López, em 1870, destaquemos pelo menos sete dos principais e mais conhecidos eventos bélicos, a seguir elencados a partir da exposição cronológica de Moacir Assunção (2012, p. 413-424):

- Batalha fluvial do Riachuelo: no dia 11 de junho de 1865, na qual a Marinha de guerra paraguaia é totalmente destruída pela brasileira. Inicia-se o bloqueio do Rio da Prata, o que impede ao Paraguai receber armas, auxílio e manter comércio com o exterior.

- Batalha de Tuyutí: a maior da América do Sul, travada entre o exército paraguaio e os aliados no dia 24 de maio de 1866. O Paraguai sofre grande quantidade de baixas. Ali morre a melhor parte do exército que López jamais conseguirá reunir novamente.

- Batalha de Curupaiti: no dia 22 de setembro de 1866, foi a maior derrota dos aliados na guerra. A ela seguiu-se a paralização das atividades bélicas por dois anos.

- Retirada da Laguna: no dia 7 de março de 1867, a coluna brasileira que invadiu o Paraguai pelo Mato Grosso começa a retornar, depois de entrar 30 quilômetros em território paraguaio.

- Dezembrada: com este nome passou à história o último mês de 1868, quando houve as batalhas decisivas de Itororó, Avaí e Lomas Valentinas, que aniquilaram de vez o poderio militar paraguaio.

¹¹ Os detalhes dessas afirmações estão expostos, entre outros, por Doratioto (2002) e no documentário *A última guerra do Prata*. Direção de Alan Arrais e Talita Dias, disponível em <http://hotsite.tvescola.org.br/guerradoprata/>, Acessado em 30 de abril de 2018.

- O ataque a Peribeubú: por ordem direta do conde d'Eu, prisioneiros paraguaios são degolados no dia 12 de agosto de 1869.

- Batalha de Campo Grande ou Acosta Ñu: no dia 16 de agosto de 1869, vinte mil aliados derrotaram seis mil paraguaios, entre os quais uma parte era formada por velhos e meninos disfarçados para parecerem adultos. Foi a última grande batalha da guerra. Sua data, posteriormente, no Paraguai, passou a marcar o Dia das Crianças.

A batalha do Riachuelo é interpretada por Maestri (2017, p. 351) nos seguintes termos:

O ataque à divisão naval imperial foi operação aventureira. A vitória imperial em Riachuelo pôs a pique o plano ofensivo paraguaio, impondo a necessidade da retirada geral de volta para o país. Havia forte disparidade de forças entre a armada do Império do Brasil, a segunda em importância nas Américas, e a paraguaia, força improvisada.

O avanço terrestre paraguaio ao exterior do país havia se dado até Uruguiana, no Rio Grande do Sul, onde, após breve temporada, o exército rendeu-se às forças aliadas. Como estratégia paralela, a tentativa de domínio naval na região do Rio da Prata, ao menos temporária, permitiria condições para a continuidade da campanha ofensiva. A cerca de oito quilômetros abaixo de Corrientes, porém, no pequeno afluente do rio Paraguai, um riacho sem nome, travou-se a batalha que pôs fim àquela possibilidade. A operação foi considerada aventureira devido à disparidade entre as armadas. O Brasil, na época, detinha um potencial bélico marinho entre os maiores das Américas; o Paraguai, por sua vez, valia-se de uma frota improvisada, especialmente voltada a atividades mercantis, sem condições mínimas para o enfrentamento a tamanho poderio imperial.

Para a Tríplice Aliança, entretanto, conforme Doratioto (2002, p. 150-1), o resultado da batalha do Riachuelo:

[...] não teve caráter decisivo, pois as fortalezas inimigas sobre o rio Paraguai impediram o domínio dessa via fluvial pela esquadra brasileira, situação que perdurou até 1868. A vitória brasileira permitiu, porém, bloquear o contato marítimo do Paraguai com outros países, que inviabilizou a obtenção de armamentos e mercadorias pelo Prata, e, ainda, pôs fim ao avanço da coluna invasora de Corrientes.

Com o recuo definitivo dos paraguaios ao seu lado da fronteira, a guerra passou a ter para eles um caráter de “campanha defensiva”, como relata Maestri (2018), no último de seus vários livros dedicados à região do Rio Prata, em geral, e à guerra entre a

Tríplice Aliança e o Paraguai, em particular. Na obra direcionada à “campanha ofensiva”, o autor menciona a repercussão no Brasil após a batalha do Riachuelo: “A propaganda imperial e aliancista divulgou enormemente a vitória, a primeira obtida, dando-lhe foro heroico desmedido, versão prontamente recolhida pela historiografia nacional-chauvinista.” (MAESTRI, 2017, p. 378). A vitória brasileira e a inviabilização do contato paraguaio com outros países, por meio marítimo, não foram suficientes para acelerar o término da guerra. Outras batalhas e longos intervalos ainda estavam por vir.

Paralelamente aos eventos relatados acima, ocorria no Brasil uma expedição militar direcionada a retomar a soberania nacional nas localidades invadidas pelo exército paraguaio, a partir de dezembro de 1864. A campanha começou em abril de 1865, quando as tropas saíram do Rio de Janeiro em direção ao oeste, e termina em meados de 1867, na constatação de que não havia condições para o enfrentamento com uma pequena parte da cavalaria paraguaia. Nesses dois anos de marcha por regiões de escassa urbanização e de geografia desconhecida, morreram milhares de soldados e não poucos oficiais.

Ao avançar a fronteira, nas mediações do povoado paraguaio de Bela Vista, os brasileiros realizaram uma fuga trágica e atípica. A “retirada”, assim, começa em uma localidade chamada Laguna e tem duração entre 8 de maio e 11 de junho de 1867, quando o exército pode considerar-se a salvo dos antagonistas, da fome e das enfermidades. Dos três mil combatentes brasileiros, setecentos sobreviveram. Os detalhes dessa campanha de mais de dois anos formam a base material do clássico nacional *A retirada da Laguna* (1871), do futuro Visconde de Taunay. Ele esteve na expedição como tenente e em seu livro cita a ordem do dia baixada em 12 de junho de 1867: “A retirada, soldados, que acabais de efetuar, fez-se em boa ordem, ainda que no meio das circunstâncias mais difíceis. [...]. Soldados! Honra à vossa constância, que conservou ao Império os nossos canhões e as nossas bandeiras”. (TAUNAY, 1975, p. 137).

Estas palavras exemplificam a linguagem de uma obra edificante da heroicidade pátria, a partir de uma campanha mal planejada, de resultados contrários ao que se esperava. O discurso de Taunay embeleza a história; atribui grandezas aos soldados defensores da continuidade do Brasil imperial. O livro, apesar de favorecer epicamente a imagem do país, ao transformar um fracasso em página importante da história nacional, é a principal fonte sobre aquele evento da guerra, pois busca narrar como se deu a campanha militar e não deixa de assinalar os erros de planejamento cometidos pelo exército.

O livro de Taunay inspirou a criação de monumentos como a pedra em homenagem aos combatentes de Laguna, em Porto Canuto, município de Anastácio-

MS; pinturas como “A retirada da Laguna”¹², de Ruy Martins Ferreira; documentários como “Retirada da Laguna”¹³ (2016), de Elias Tylar Galante; ou a sinfonia “A retirada da Laguna” (1971), de César Guerra-Peixe. A repercussão da história está viva, muitas vezes sem questionar ou corrigir as visões oficiais estabelecidas sobre o passado. Na literatura brasileira, especificamente, a obra de Taunay é fonte inspiradora de pelo menos cinco romances, publicados nos últimos vinte e sete anos: *Avante: soldados: para trás* (1992), de Deonísio da Silva; *Questão de honra* (1996), de Domingos Pellegrini; *Cunhataí* (2006), de Maria Filomena Lepecki; *Senhorinha Barbosa López* (2007), de Samuel Xavier Medeiros; e *Águas atávicas* (2013), de Marcos Faustino.¹⁴ Dentro das limitações deste trabalho, é sobre o último que passamos a discorrer na seção seguinte.

3 ÁGUAS ATÁVICAS (2013): TAUNAY REVISITADO NO SÉCULO XXI

Águas atávicas (2013), de Marcos Faustino, figura como um dos romances históricos cuja obra maestra de Taunay aparece como fonte essencial. No eixo narrativo, está a história da personagem Pereirinha, um menino que cresce com a avó, a dona do Lá-em-Baixo, um prostíbulo. Com sua destreza em conseguir pequenos êxitos entre as autoridades da pequena Vila de Sant’Anna, chega ao posto de cabo. De exímio adulator do intendente local da vila, passa a trabalhar como ajudante de ordens do engenheiro Taunay durante a campanha militar que culminou com a retirada da Laguna. Após ter participado dessa expedição, ascende a sargento.

Entre as contribuições do romance, está o intento de denunciar as corrupções na burocracia do país e a natureza da guerra em si, cuja lei se resume: “[...] aos humildes as balas e as atrocidades, aos maiores as glórias” (FAUSTINO, 2013, p. 64). O livro também pode ser considerado uma homenagem à região do Pantanal brasileiro, a “Mesopotâmia latino-americana”, pois cada capítulo é finalizado com uma alusão às águas, a exemplo do que transcrevemos a seguir:

Agora, milhares de homens na canseira de demorado deslocamento, primeiro na defesa de seus patrícios depois na procura do embate com seus inimigos. O suor de pressentidas batalhas impregnando o ar, condensando-se, voltando em chuva aos rios, teia capilar das bacias hidrográficas, Paraná e Paraguai, a disseminar atitudes violentas, resposta inevitável ao pavor da guerra que se avizinha. (FAUSTINO, 2013, p. 67).

¹² Disponível em <<http://historiasdematogrossodosul.blogspot.com/2017/06/colera-derrota-retirantes-de-laguna.html>>. Acesso em: abr. 2019.

¹³ Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=MFkctkFIBF4&t=33s>>. Acesso em: abr. 2019.

¹⁴ Mais informações sobre essas obras estão em ALBUQUERQUE, A. B.; FLECK, G. F. “El honor de la retirada: la “palabra armada” en la novela histórica brasileña sobre la Guerra del Paraguay” In. *LLJournal*, v. 12, n. 2, 2017, p. 1-10.

No movimento circular das águas que permitem o início e o fim dos ciclos da vida, a regularidade dos costumes e atividades daquela região é afetada pela aproximação da guerra. O romance, contudo, além das notas sobre fatos e nomes históricos citados em quadros informativos ao longo do livro, seguindo a tendência dos romances históricos tradicionais que respeitam a historiografia factual, não deixa de expressar apontamentos críticos a práticas comuns no país desde tempos longínquos. O desejo de obter vantagens ilicitamente é uma delas e, no trecho a seguir, aparece na expectativa do intendente em relação à personagem Pereirinha, alçada a cabo:

Na intendência, Braulino chamou o guarda-livros e ordenou: – Recibos em nome do Pereira, cabo ganha um pouco mais que soldado; se perguntar o salário, diga que isto é assunto meu com ele. Data de uns dez meses atrás. Dez recibos, na volta ele assina. Ajuda a fechar as contas, pensou satisfeito. [...] sério e sisudo em solenes aparências, benefício próprio com o dinheiro da intendência, confusão secular entre o patrimônio público e o seu. (FAUSTINO, 2013, p. 79).

A aparente seriedade dos homens de bem, solenes em suas palavras e nos cargos de mando, tem na personagem Braulino o representante exemplar. Homem retórico, perspicaz, publicamente defensor da retidão. Na intimidade, contudo, corrupto. Nas instâncias mais diversas do Império ou da futura República, “braulinos” são os responsáveis operantes da máquina burocrática de um país estratificado e aberto a impunidades. Este olhar pouco elogioso à história, quando consideramos as modalidades de romances históricos, aproxima-se à segunda fase de sua produção, crítica e desconstrucionista, representada pelo novo romance histórico e pela metaficção historiográfica.

Com meios diferentes, mas fins parecidos aos da personagem Braulino, a personagem Pereirinha constrói sua vida na “[...] isenção total de juízo de valor, apenas a percepção rápida do funcionamento das coisas no seu entorno, valendo mais tirar proveito das circunstâncias, malícia proveitosa no vislumbre das pequenas vantagens.” (FAUSTINO, 2013, p. 79). Foi pensando nessas vantagens, que ele se apresentou como sargento à personagem tenente Taunay. Ao ser perguntado de que arma, a resposta engenhosa foi a seguinte: “– De qualquer arma, senhor. Luto com faca, rápido no punhal, ligeiro no facão, esperto na baioneta; bom mesmo no tiro certo, quando a arma é boa. [...] Sargento da ordem pública a serviço da intendência.” (FAUTINO, 2013, p. 91).

As duas personagens, a ficcional e a histórica, tornam-se amigas. Uma pela alta patente e a outra, por se tornar seu ajudante de ordens, pouco sofrem as agruras da expedição e até se divertem no tempo em que passaram no alto da serra de Maracaju,

em uma localidade conhecida como Morros, onde se encontravam “[...] antigos moradores de Miranda, Nioac e fazendas da região, fugitivos da invasão paraguaia. Muitos, muitos índios também.” (FAUSTINO, 2013, p. 97).

Como consequência dessa amizade, a personagem Pereirinha torna-se famosa. Ao voltar para casa, o padre lhe fez elogios em uma missa, após escutar do próprio Taunay, quem atendeu ao pedido do companheiro de expedição para referir “[...] a qualquer feito, verdadeiro ou inventado tanto faz; não precisava ser o autor único, servia mesmo participação discreta. [...] Só um elogio, pequeno que fosse. Fácil para Toné que sabia engrandecer” (FAUSTINO, 2013, p. 136). Assim, de maneira semelhante ao que sucedeu à personagem histórica Taunay, celebrizada no e pelo próprio livro *A Retirada da Laguna*, exaltações exageradas são direcionadas à heroica participação da personagem Pereirinha na campanha militar.

Envelhecido, Pereirinha ainda tem como esposas Menina e Imbé. A primeira é companheira anterior à guerra. Ela vivia Lá-em-Baixo, no empreendimento agora gerenciado por ele após a morte da avó. A segunda é uma índia trazida da expedição. Pereirinha não teve filhos e a narrativa sobre sua morte é um dos pontos emblemáticos do romance (FAUSTINO, 2013, p. 184-6): a esposa indígena cava sua cova e ali fica com o marido morto até que os dois são tomados pelas águas. Pela intervenção dele, o “Patriarca Pereirinha”, junto ao “Sereníssimo Senhor”, ela é aceita no céu onde, também a pedido, reencontra seus parentes e conhecidos. “Nunca se soube se foi este o derradeiro lampejo da fértil imaginação de Pereirinha ou o primeiro caso real vivido por ele no reino do além, pois os poucos que de lá retornam nem sempre produzem relatos confiáveis.” (FAUTINO, 2013, p. 186). Nesse momento da narrativa, a liberdade ficcional sobrepõe-se aos elementos históricos, hibridamente referidos na maior parte do romance.

Já a personagem Taunay tinha grande “[...] cuidado com os manuscritos sobre a expedição. Relataria tais peripécias com tal competência que muitos haveriam de indagar se os fatos realmente aconteceram ou só imaginação sua.” (FAUTINO, 2013, p. 118). Comentários como este, relacionados à elaboração da linguagem, às possibilidades das palavras, são constantes no romance. Para a personagem Pereirinha, por exemplo: “Se o que ouvia ou dizia era verdade ou não, pouca ou nenhuma diferença fazia. Importante era a magia das palavras, o encanto das histórias bem contadas [...]” (FAUSTINO, 2013, p. 79). Assim, seja em relação à escrita do texto histórico ou à narrativa nitidamente imaginada, o leitor é advertido, em trechos metaficcionalis, sobre a admissibilidade das sutilezas verbais.

Em *Águas atávicas*, a cômica relação das personagens Pereirinha e Taunay, apesar de insólita, não chega ao inverossímil. É uma maneira que o autor encontra para, além

de tecer críticas constantes à história como um “processo de escrita”, desenvolver o conflito que, entre as partes, tem relevância somente ao herói da narrativa. A este ocorriam pesadelos constantes com o amigo que “[...] amargava a perda de seus títulos de nobreza com o advento da República.” (FAUTINO, 2013, p. 176). Em seu íntimo, contudo:

Pereirinha queria sim era a desgraça do distante Taunay, coisa boa, justiça divina, matutava em silêncio. A bronca crescia quanto mais lembrados eram os modos refinados, a elegância e os muitos outros aspectos do jovem guapo. Logo o ódio e o veredito final: comeu a minha Tonha e a danada nunca mais esqueceu dele, francesinho filho da puta! (FAUTINO, 2013, p. 177).

À leitura do romance *Águas atávicas*, o diálogo entre estratégias narrativas presentes nas modalidades acríicas e críticas de romance histórico permite-nos relacioná-lo ao que Fleck (2017, p. 109-111) denomina romance histórico contemporâneo de mediação. As características dessa modalidade estão presentes, por exemplo, na construção da verossimilhança e na conseqüente sensação de autenticidade dos eventos históricos narrados: apesar das críticas e ironias, não pomos em dúvida a exposição dos episódios e das personagens, sejam históricos ou ficcionais; na linearidade cronológica que, quando manipula o tempo da narrativa, não incorre em anacronismos exagerados: no romance depreendemos um começo, meio e fim; nas visões periféricas em relação aos grandes eventos e personagens históricos: a importância dada a uma personagem marginal e a uma campanha que não teve traços decisivos no contexto geral da guerra; na linguagem amena e fluída: o romance está escrito em português formal, sem a utilização de arcaísmos ou construções sintáticas rebuscadas; na utilização de recursos como a paródia e a intertextualidade: especialmente presentes na alusão à obra maestra de Taunay; na presença de elementos metanarrativos, sem que estes constituam a totalidade do texto: as referências às intenções do autor na escrita de *A Retirada da Laguna*.

No romance de Marcos Faustino, a personagem histórica Taunay, entretanto, costumeiramente laureada pelos círculos oficiais da sociedade brasileira, especialmente aqueles vinculados às forças armadas, tem seus dotes literários postos à baila, sem escapar da crítica ao excesso de valorização de uma campanha fadada ao insucesso. No contexto ficcional, apesar de fundamental para a constituição da fama da personagem Pereirinha, Taunay não deixa de aparecer como mais uma vítima da República e da imaginação ferina de seu outrora ajudante de ordens.

Em *Águas atávicas*, a narrativa estende-se ainda até o período republicano. Apresenta breves histórias de conflitos e personagens que estiveram na região. Faz

referência, por exemplo, a Canudos e à guerra entre a Tríplice Aliança e o Paraguai, após a queda de Humaitá. Sobre a República, finalizemos: “[...] Seis por meia dúzia [...] a mesma permissão de ilícitos aos correligionários. Era dando que se recebiam favores; ordem para os outros e progresso para os amigos, era o lema da nova bandeira.” (FAUSTINO, p. 142). Se voltar ao passado constitui-se uma forma de compreender o presente, o trecho citado vale para o convite à leitura deste romance histórico contemporâneo de mediação, exemplar da mais recente literatura brasileira.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Neste artigo, a partir da apresentação teórica de cinco modalidades de romance histórico, de informações historiográficas relacionadas à guerra entre a Tríplice Aliança e o Paraguai e da leitura de *Águas atávicas* como resignificação do episódio que culminou com a Retirada da Laguna, buscamos expor um tema caro à história e à literatura latino-americanas, de maneira a destacar a presença das estratégias escriturais do romance histórico contemporâneo de mediação.

A produção de literatura de extração histórica, especialmente aquela de orientação tradicional, tem representantes destacados em nosso continente desde os românticos do século XIX. A partir de meados do século XX, avulta a modalidade do novo romance histórico latino-americano, desconstrucionista e inovador em termos de experimentação linguística, estrutural e de elaborações exageradamente paródicas. Sua abordagem crítica e desconstrucionista em relação à linguagem literária e à história de grandes nomes e eventos dificulta por vezes a compreensão textual.

O romance de Marcos Faustino, por sua vez, critica posturas estabelecidas por parte da historiografia mais compromissada com patriotismos e uma visão “oficial” do passado. Mas ao apresentar-se de maneira a não estabelecer malabarismos herméticos de linguagem e conteúdo, integra um conjunto vasto de obras que, sem perder a criticidade em diálogo com a história mais hegemônica entre estudos acadêmicos, aqui trazemos sob o conceito de romance histórico contemporâneo de mediação.

REFERÊNCIAS

AÍNSA, F. La nueva novela histórica latinoamericana. **Plural**. 240. p. 82-85. México, 1991.

ASSUNÇÃO, M. **Nem heróis, nem vilões: Curepas, caboclos, cambás, macaquitos e outras revelações da sangrenta Guerra do Paraguai**. Rio de Janeiro: Record, 2012.

DORATIOTO, F. **Maldita guerra: nova história da Guerra do Paraguai**. São Paulo: Companhia das Letras, 2002.

FAUSTINO, M. **Águas atávicas**. Campo Grande: Instituto Histórico e Geográfico do Mato Grosso do Sul, 2013.

FERNÁNDEZ PRIETO, C. **Historia y novela: poética de la novela histórica**. 2. ed. Barañáin: EUNSA, 2003.

FLECK, G. F. A conquista do 'entre-lugar': a trajetória do romance histórico na América. **Gragoatá (UFF)**, v. 2. sem, p. 149-167, 2007.

FLECK, G. F. **O romance histórico contemporâneo de mediação: entre a tradição e o desconstrucionismo – releituras críticas da história pela ficção**. Curitiba: CRV, 2017.

GIL GONZÁLEZ, A. J. Variaciones sobre el relato y la ficción. **Anthopos: metaliteratura y metaficción – balance crítico y perspectivas comparadas**. Barcelona, n. 208, 2005, p. 9-28.

HUTCHEON, L. **Poética do pós-modernismo: história, teoria, ficção**. Trad. Ricardo Cruz. Rio de Janeiro: Imago, 1991.

MAESTRI, M. **Guerra sem fim: a Tríplice Aliança contra o Paraguai: a campanha ofensiva (1864-1865)**. Passo Fundo: FCM Ed., 2017.

MÁRQUEZ RODRÍGUES, A. **Historia y ficción en la novela venezolana**. Caracas: Monte Ávila, 1991.

MENTON, S. **La nueva novela histórica de la América Latina: 1979-1992**. México: Fondo de Cultura Económica, 1993.

TAUNAY, A. d'E. **A retirada da Laguna: episódio da Guerra do Paraguai**. Trad. Afonso de E. Taunay. São Paulo: Melhoramentos, 1975.

USLAR PIETRI, A. El mestizaje y el nuevo mundo. In: _____. **Cuarenta ensayos**. Caracas:



Monte Ávila, 1990.

VARGAS LLOSA, M. **La verdad de las mentiras**. España: Punto de Lectura, 2007.

WHITE, H. **Trópicos do discurso**: Ensaio sobre a Crítica da Cultura. Trad. Alípio Correa Franca Neto. São Paulo: Edusp, 2001.

ZEA, L. Integración, el gran desafío para Latinoamérica (presentación). In: ZEA, L. & MAGALLÓN, M. (orgs.). **Latinoamérica cultura de culturas**. México: F. C. E, 1999.

Título em inglês:

THE CONTEMPORARY HISTORICAL NOVEL OF MEDIATION:
REMEANING OF AN EPISODE OF THE WAR OF THE TRIPLE
ALLIANCE AGAINST PARAGUAY (1864-1870) IN THE NOVEL
ÁGUAS ATÁVICAS (2013) BY MARCOS FAUSTINO



INVENTÁRIO

